



## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

# FELIZMENTE HÁ LUAR!

### *I – Carácter épico da peça*

*Felizmente Há Luar!* é um drama narrativo, de carácter social, dentro dos princípios do teatro épico. Na linha do teatro de Bertolt Brecht (poeta e dramaturgo alemão), exprime a revolta contra o poder e a convicção de que é necessário mostrar o mundo e o homem em constante devir. Defende as capacidades do homem que tem o direito e o dever de transformar o mundo em que vive. Por isso, oferece-nos uma análise crítica da sociedade, procurando mostrar a realidade em vez de a representar, para levar o espectador a reagir criticamente e a tomar posição.

Como drama narrativo, pressupõe uma acção apresentada ao espectador e com possibilidade de ser vivida por ele, mas, sobretudo, procura a sua convivência ou participação testemunhal. O carácter narrativo é sinónimo de épico, ao contar determinados acontecimentos que devem ser interpretados, reflectidos e julgados pelo espectador, enquanto elemento de uma sociedade. Ele deve, assim, analisar e julgar o homem no seu devir histórico, na sua situação social, que pode modificar-se e modificar o rumo da História.

Observando *Felizmente Há Luar!*, verificamos que são estes os objectivos de Luís de Sttau Monteiro, que evoca situações e personagens do passado, usando-as como pretexto para falar do presente. Escrita em 1961, a peça surge como máscara para que se possa tirar exemplo no presente ditatorial. Mas mais do que fazer a ligação entre dois momentos – o início do século XIX e o século XX – a sua intemporalidade remete-nos para a luta do ser humano contra a tirania, a opressão, a traição, a injustiça e todas as formas de perseguição.

Repare-se no seguinte diálogo entre Matilde (a esposa do General Gomes Freire de Andrade) e Beresford, o representante do domínio britânico:

MATILDE – Venho pedir-lhe que o liberte. É-me indiferente que o faça por favor, por clemência ou por qualquer outro motivo. Às mulheres, senhor, pouco interessa a justiça das causas que levam os seus homens a afastar-se delas. A injustiça e a tirania, só as sente quem anda na rua, que é homem ou quer ser homem.

(Pausa)

[...]

BERESFORD – E porque pensa que devo fazer o que pede?

MATILDE – Porque é o comandante do exército, governador do Reino e... porque sabe que ele não cometeu qualquer crime.

BERESFORD – A simples existência de certos homens é já um crime.

(Começam a ouvir-se sinos ao longe.)

MATILDE (exaltada) – Porque dizem a verdade? Porque vêm para além da cortina da hipocrisia com que os poderosos escondem a defesa dos seus interesses?

(O ruído dos sinos aumenta de intensidade)

BERESFORD (sorrindo) – Porque... são incómodos, minha senhora!

MATILDE (com amargura) – É incómodo todo aquele que não confunde a vontade de Deus com a vontade do rei...

(Pausa) Ou que vê para além das medalhas que usais no peito... (Pausa) Ou que olha para vós de frente, e sorri...

BERESFORD (com ironia) – Ou que, devendo, por nascimento e posição, defender certos interesses, defende outros... É o caso do general, minha senhora.

(Ouve-se, fora do palco, o murmúrio de vozes humanas.)

MATILDE – Que vão fazer dele, Sr. Marechal?

BERESFORD (Abrindo os braços para exprimir a sua impossibilidade de responder à pergunta) – Julgá-lo e... fazer justiça!

MATILDE (Com desespero e como quem pensa pela primeira vez na hipótese.) – Querem matá-lo! Diga-me, Sr. Marechal, por amor de Deus, diga-me: querem matá-lo?  
(As vozes aproximam-se do palco. Ouve-se, nitidamente, falar latim.)

BERESFORD – Ninguém lhe pode responder a essa pergunta. São os acontecimentos que geram os acontecimentos e...

(Entra no palco um padre seguido dum sacristão tocando uma campainha e de alguns populares. Começa a juntar-se gente à sua volta.)

MATILDE (Exaltadíssima) – Não o matem, Sr. Marechal! Mandem-no para a guerra, deixem-no morrer como um homem, batendo-se com inimigos que possa reconhecer!  
[...]

Neste excerto, o conflito interior de Matilde exprime-se na própria \_\_\_\_\_ das suas convicções, para conseguir a \_\_\_\_\_ do marido, que é vítima de \_\_\_\_\_. Há a destacar, sobretudo, nesta passagem, a afirmação de Beresford, para quem “\_\_\_\_\_”

O dramaturgo, através do \_\_\_\_\_, dos \_\_\_\_\_ e das palavras, ou das informações das \_\_\_\_\_, procura levar o público a entender, de forma clara, o sentido da mensagem. Neste fragmento da obra, o sarcasmo e a ironia, ou a amargura e o desespero, que opõem estas duas personagens, tal como sucede com outros comportamentos e sentimentos, são elementos fundamentais para a análise da situação e para que o espectador tome posição.

**Felizmente Há Luar!** é uma obra que:

- destaca a preocupação com o Homem e o seu destino;
- realça a luta contra a miséria e a alienação;
- denuncia a ausência de moral;
- alerta para a necessidade de uma superação com o surgimento de uma sociedade solidária que permita a verdadeira realização do Homem.

## ***II – Distanciação Histórica (técnica realista; influência de Brecht)***

Brecht, em *Estudos sobre Teatro*, fala do efeito de estranheza e de distanciação que o recurso à História ou a um processo de construção de parábolas permite sobre uma realidade próxima. Brecht propõe um afastamento entre o actor e a personagem e entre o espectador e a história narrada, para que, de uma forma mais real e autêntica, possam fazer juízos de valor sobre o que está a ser representado. Afirma Bertolt Brecht, em *Estudos sobre Teatro*:


“O **espectador do teatro dramático** diz: – Sim, eu já senti isso. – Eu sou assim. – O sofrimento deste homem comove-me, pois é irremediável. É uma coisa natural. – Será sempre assim. – Isto é que é arte! Tudo ali é evidente. – Choro com os que choram e rio com os que riem.

O **espectador do teatro épico** diz: – Isso é que eu nunca pensaria. – Não é assim que se deve fazer. – Que coisa extraordinária, quase inacreditável. – Isto tem de acabar. – O sofrimento deste homem comove-me, porque seria remediável. – Isto é que é arte! Nada ali é evidente. – Rio de quem chora e choro com os que riem.”

O teatro épico proposto por Brecht contrapõe-se à tragédia clássica para melhor conseguir o efeito social. Enquanto o teatro clássico conduz o público à ilusão e emoção, levando-o a confundir a arte com a vida real, no teatro épico a “distanciação” deve permitir o envolvimento do espectador no julgamento da sociedade. Por isso o teatro épico implica um comprometimento, uma crítica contra o individualismo, a consciencialização perante o sofrimento dos outros e a realidade social. Deve, na sua tarefa pedagógica, instruir os espectadores e

incitá-los a actuar, alertando-os para a sua condição humana. O espectador deve ter um olhar crítico para se aperceber melhor de todas as formas de injustiças e opressões.

Em ***Felizmente Há Luar!***, o tempo, o espaço e as personagens são trabalhados de modo a que a distanciação se concretize, recorrendo, muitas vezes, a um historiar dos acontecimentos representados e ao acentuar da precisão do lugar cénico. É o que se observa, por exemplo, logo de início:



O dramaturgo preocupa-se, de forma particular, com a distanciação. Isso mesmo pode ser observado, quando na didascália, nos informa que *“Todos os seus gestos são estudados. Sente-se que passou longas horas estudando os hábitos e os maneirismos dos membros da classe a que desejaria ter pertencido. Ao falar, faz gestos com as mãos, gestos lentos, precisos, copiados de um fidalgo qualquer que teve ocasião de observar de perto”*.

Ao dramaturgo interessa que o actor seja lúcido e, sobretudo, que o espectador se confronte e se esclareça, partindo da identificação inicial de dois tempos e dois mundos diferentes.